

Nove meses na vida do homem: o envolvimento do pai na gestação

Paola Francieli Liskoski¹ | Simone Isabel Jung²

Resumo

Este estudo objetivou compreender como ocorre o envolvimento paterno na gestação, assim como os sentimentos despertados pela paternidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com quatro homens que estavam à espera do primeiro filho, no período do terceiro trimestre da gestação. Os participantes responderam a uma ficha sociodemográfica e a uma entrevista semiestruturada, que foi gravada e transcrita. Na análise de dados, usou-se a metodologia de Bardin, que gerou sete categorias e 22 subcategorias. Os resultados mostraram que o homem está cada vez mais participativo da etapa gestacional. São diversas as formas de envolvimento paterno, tanto emocional quanto comportamental, tais como comparecer às consultas médicas, escolher o nome, buscar informações e preparar o ambiente para a chegada do bebê. Os pais manifestaram inquietações em relação à gestação, como preocupações com a saúde da esposa e do bebê, com as finanças e com as novas responsabilidades a serem assumidas. Além disso, uma maior sensibilidade, emoção única, sem expressão em palavras, e felicidade são apontadas como os sentimentos mais vivenciados nesse período.

Palavras-chave: Paternidade. Gestação. Envolvimento paterno na gestação.

Abstract

This study aimed to understand how paternal involvement occurs in gestation, as well as the feelings aroused by paternity. This is a qualitative study, with four men who were expecting their first child in the third trimester of gestation. The participants answered a socio-demographic record and a semi-structured interview, which was recorded and transcribed. In the data analysis, it was used the methodology of Bardin, which generated seven categories and 22 sub-categories. The results showed that the man is more and more participatory in the gestational stage. There are many ways of paternal involvement, both emotional and behavioral, such as attending medical appointments, choosing the name, seeking information and preparing the environment for the arrival of the baby. The fathers expressed concerns about pregnancy, such as concerns about the health of the wife and baby, the finances and the new responsibilities to be undertaken. In addition, greater sensitivity, unique emotion, without expression in words, and happiness are pointed out as the most experienced feelings in this period.

Keywords: Paternity. Gestation. Parental involvement in pregnancy.

1 Introdução

Transformações sociais e culturais estão ocorrendo desde o século passado e mostram-se presentes no momento atual, com fortes influências no contexto familiar,

¹ Graduada em Psicologia pelas Faculdades Integradas de Taquara – Faccat (RS).
paolaliskoski@gmail.com

² Professora das Faculdades Integradas de Taquara – Faccat (RS). Orientadora do Trabalho.
simoneisabeljung@gmail.com

também associadas ao papel exercido pelo pai. As configurações familiares têm sofrido algumas modificações, e, entre elas, aparece um novo modelo de paternidade.

Para estudiosos da temática, a função paterna atual perpassa o papel tradicional do homem e tem suas representações expandidas. O novo pai se apresenta mais presente e envolvido nos cuidados com os filhos (SANTOS; KREUTZ, 2014; COELHO *et al.* 2009). Nota-se que o homem está cada vez mais participativo na vida dos filhos e no decorrer da gestação. Portanto, nos dias atuais, reconhece-se que a trajetória da gestação é considerada um momento relevante também na vida do pai, tratando-se de um período de mudanças significativas. Assim, leva-se em conta que a relação constituída entre a dupla pai-bebê, ao longo da gestação, servirá de apoio para o vínculo após o nascimento do bebê (SANTOS; KREUTZ, 2014).

Contudo, o homem e a mulher vivenciam de formas diferentes a gestação. A mulher, por sentir as transformações no próprio corpo, a vivência de forma mais intensa. O homem pode envolver-se com ela de forma distinta, o que, muitas vezes, poderá ser negativo, por mantê-lo alheio ao que ocorre na gravidez. Dessa forma, há homens que poderão apresentar dificuldades em vincular-se ao filho que está sendo gestado, podendo, além disso, manifestar ciúme e inveja da mulher, por ser exclusivamente dela a possibilidade de gerar um filho e aleitá-lo (MALDONADO; DICKSTEIN, 2010).

Piccinini *et al.* (2004) explicam que a presença do pai durante a gestação, as suas inquietações, as atividades que envolve a organização para a vinda do bebê e o amparo emocional à mãe são aspectos que se caracterizam como a forma mais evidente de o pai ter um envolvimento nesse processo. Assim, parece ser consenso na literatura que o quanto antes o pai fizer parte na vida do filho, mais amplas serão as possibilidades de se constituir um vínculo seguro e existir comprometimento do homem com a paternidade (WALDOW; CREPALDI, 2011). Considerando os aspectos abordados, esta pesquisa tem o objetivo de compreender como ocorre o envolvimento do pai na gestação, buscando conhecer a função paterna durante esse período, as suas expectativas em relação ao bebê e os sentimentos despertados pela paternidade.

1.1 Contextualizando a paternidade

A paternidade é entendida como uma etapa do desenvolvimento que tem grande relevância para a confirmação do eu masculino (ANDRADE, 2002). Na compreensão de Silveira (1998), nem todo homem progenitor será um pai. O autor utiliza o termo progenitor exclusivamente para aquele que possui parentesco genético. Para ele, a paternidade vai além da descendência biológica e se constitui a partir de um vínculo estabelecido entre duas partes.

De acordo com Raphael-Leff (1997), em algumas épocas, o homem apenas transmitia seu sobrenome ao filho, o que bastava para que a paternidade se constituísse. Porém, atualmente, isso não é suficiente, o homem precisa assumir atividades que ficavam restritas à mulher, para, dessa maneira, receber o título paternal.

Além de sofrer influências socioculturais, econômicas e históricas, a pater-

nidade depende da singularidade de cada homem. Sua organização psíquica, suas capacidades e dificuldades individuais também são aspectos que influenciam (OLIVEIRA; SILVA, 2011). De acordo com Szejer e Stewart (1997), a maneira como cada indivíduo se vê como pai ou mãe está totalmente ligada aos próprios pais que tiveram. Eles servem de exemplo para a parentalidade a ser construída, tanto como fator de identificação como para comportamentos a serem repensados. No entender de Oliveira (2006), o ser pai implica processos subjetivos de ter ocupado o lugar de filho e estar no papel de pai.

Nota-se, que, se o desejo da gravidez estiver presente em ambas as partes, o casal compartilhará responsabilidades e cuidados com mais empenho, e isso influenciará de maneira favorável o desenvolvimento da criança (MACIEL, 2010). Winnicott (1975) aponta que os cuidados que o pai pode proporcionar ao bebê estão atrelados ao modo como a mãe o insere nesse espaço. Para Bustamante (2005), a paternidade sofre influências de diversas condições, dentre elas aparece a qualidade na relação conjugal estabelecida com a progenitora.

Ratificando essas ideias, Castoldi (2002) aponta que o envolvimento paterno apresenta melhor qualidade quando o casal tem um relacionamento conjugal saudável. O grau de envolvimento com o filho pode sofrer também influências familiares e da própria gestante, porém não são determinantes. Dessa forma, o envolvimento do pai com o filho está entrelaçado com aspectos próprios do pai e da abertura que a mãe proporciona na relação familiar.

Bowlby (1989) esclarece que os cuidados com uma criança não são restritos apenas a uma pessoa, sendo o pai, muitas vezes, aquele que pode assumir essa função. O autor ainda cita que é função tanto da mãe quanto do pai promover uma base segura à criança, e que o pai pode exercer função similar à da mãe, devendo ser uma figura de apego como referência.

Da mesma forma, Zornig (2010) acrescenta que o papel do pai de mediador entre o bebê e a mãe serve para ajudar a mãe a olhar para o bebê como um sujeito distinto. Além disso, o pai é aquele que vai manter a lei e a organização que a mãe introduz na vida do filho. Entretanto, existe uma gama de possibilidades pelas quais um pai engrandece a vida de um filho. As crianças tendem a formar parte de seus ideais, por meio do que percebem ou pensam que percebem das atitudes e comportamentos paternos (WINNICOTT, 1975). Portanto, o pai participa de forma decisiva no processo de amadurecimento do filho, e o agravo ou o início de algum certo distúrbio pode se dar devido a alguma falha paterna (ROSA, 2014).

1.2 Paternidade na atualidade

Conforme aponta Galastro e Fonseca (2007), entende-se por paternidade tradicional aquele homem responsável pelo sustento financeiro, pela proteção da família e distante de manifestar sentimentos. No passado, o homem assumia o campo do trabalho e à mulher concerniam as atividades de casa. Ao pai eram estabelecidas a organização e a justiça dentro do lar, e à mãe, os cuidados domésticos e a maternidade (MACHADO, 2012).

A inserção da mulher no âmbito do trabalho, os meios tecnológicos que envolvem a inseminação artificial e a utilização de contraceptivos levaram os casais a optar, ou não, pela paternidade e maternidade. Portanto, isso influenciou o homem a adotar novas funções na família. No entanto, essa temática deve ser entendida de forma singular, levando em consideração que o meio familiar, a sociedade em que o indivíduo está inserido, seus valores e suas crenças influenciam a relação entre pai e filho. O pai atual não busca tirar o lugar da mãe, mas conquistar seu próprio espaço, podendo exercer o cuidado afetivo com os filhos (BELTRAME; BOTTOLI, 2010).

Na contemporaneidade, espera-se do homem atitudes e comportamentos que anteriormente eram expectativas apenas direcionadas às mulheres, como, por exemplo, estar presente emocionalmente na vida dos filhos. Embora isso seja cada vez mais comum, questões relacionadas ao sustento dos filhos ainda giram muito em torno das responsabilidades do pai. Pode-se pensar em duas paternidades praticadas ao mesmo tempo: a tradicional e a contemporânea. E isso ocorre devido ao desejo do pai em proporcionar o melhor para o seu filho (OLIVEIRA; SILVA, 2011). Assim, o envolvimento afetivo aparece como característica principal do novo modelo de paternidade (GOMES; RESENDE, 2004; BENCZIK, 2011).

O pai contemporâneo encontra o desafio de reconstruir seu lugar na família e na sociedade, pois as referências anteriores não são capazes de suprir as necessidades da paternidade na atualidade. Isso faz com que o modelo de paternidade seja repensado, contestando alguns padrões e valores. Em consequência disso, um novo entendimento acerca da paternidade está em construção. Contudo, ser pai nos dias atuais é percorrer um campo novo e de grandes desafios (BORNHOLDT; WAGNER; STAUDT, 2007).

1.3 Envolvimento do pai na gestação

Castoldi (2002) salienta que a expressão envolvimento paterno não tem uma definição teoricamente bem definida, porém, na maioria das vezes, é utilizada para definir a qualidade da paternidade. Contudo, o envolvimento paterno não deve ser entendido pelo número de horas que o pai passa com seu filho. A quantidade mostra-se menos relevante do que a qualidade da relação estabelecida entre ambos (PARKE, 1986).

Para Brazelton (1988), a gestação de um filho é um dos acontecimentos mais desafiadores na vida dos pais. É um momento rico para o autoconhecimento e o desenvolvimento de mais responsabilidades. A gestação de uma criança também é o tempo de elaboração de novos papéis a serem desenvolvidos. É nessa fase que ocorre o processo de adaptações e preparação das funções que serão exercidas (WALDOW; CREPALDI, 2011).

O período de nove meses de gestação oferece aos futuros pais um momento de organização psicológica. Esse trabalho se dá de forma consciente e inconsciente, e, no decorrer desses nove meses, são conhecidos diversos sentimentos. Porém, reconhece-se que a regressão dos pais durante esse momento serve para uma reorganização psíquica (BRAZELTON; CRAMER, 1992).

Na compreensão de Ferreira, Leal e Maroco (2010), há relação entre a gravidez ser desejada e o envolvimento paterno ser mais efetivo. Para Freitas, Coelho e Silva (2007), alguns homens encontram dificuldade para, de fato, sentirem-se pais no período da gestação. Alguns só alcançam esse sentimento após o nascimento do bebê, e, ainda, há aqueles que, mesmo após o nascimento, encontram dificuldades de assumir esse papel. Dessa maneira, é possível que, quando o pai participa de forma efetiva na gestação e, posteriormente, no nascimento, momentos de bem-estar são proporcionados, e relações mais próximas são estabelecidas.

Conforme descreve Brazelton (1988), o sentimento de competição pode ser manifestado pela maioria dos pais. Esse sentimento aparece de diversas formas, sendo mais comuns sentimentos de competição pelo novo bebê e pela esposa. Cabe ressaltar que o sentimento de ciúmes também pode estar presente nessa fase, na qual o homem pode sentir-se excluído, pois a mulher tende a dar mais atenção ao bebê, ao mesmo tempo em que ela vira o centro da atenção de todos, sendo que poucas pessoas se preocupam como o homem está vivenciando esse processo.

De acordo com Maldonado e Dickstein (2010), o sentimento de exclusão aparece porque o pai é aquele que não possui contato direto com o filho. Porém o homem pode manifestar as mesmas sensações da mulher, como enjoos, apetência e sono. Os pais buscam sentir o filho com mais proximidade, tocando a barriga da mulher e procurando mais conhecimentos sobre a gestação.

Grande parte dos novos pais apresenta algum tipo de sintoma ligado à gestação. A presença de sintomas hipocondríacos pode estar relacionada a uma maneira inconsciente do pai em focalizar uma maior atenção ao seu próprio corpo. Aparecem, também, simulações da gravidez em manifestações psicossomáticas em forma de enjoos, vômitos e aumento de peso (RAPHAEL-LEFF, 1997). Nas palavras de Braz e Goetz (2011), essas manifestações psicossomáticas e demais sintomas de ordem emocional designam-se por Síndrome de Couvade. No entanto, essa síndrome não configura uma psicopatologia, mas alguns desses sintomas podem afetar a vida do pai de diversas maneiras. Pode ocorrer de forma positiva, quando o pai se mostra identificado com o bebê, e os sintomas são moderados. Mas pode ser de ordem negativa, em situações exacerbadas dos sintomas, provocando incômodos.

Ainda assim, são ativadas intensas emoções na espera do primeiro filho. Isso ocorre quando o homem se encaminha a ocupar o lugar de seu pai e, assim, o transfere para a posição de avô. Nesse processo de tornar-se pai, o homem realiza reavaliações de seu passado como filho e sua relação com os próprios pais (RAPHAEL-LEFF, 1997). Percebe-se que a chegada do primeiro filho acentua questões relacionadas à vida conjugal e às demais transformações consequentes desse novo membro (CARTER; GOLDRICK, 1995).

Em uma pesquisa realizada com pais de primogênito, Piccinini *et al.* (2004) comentam que o envolvimento do pai, muitas vezes, aparece quando ele tenta o contato com o bebê, sentindo os movimentos dentro da barriga, buscando que o filho já o reconheça e lhe responda. Além disso, os pais podem apresentar preocupações de diversas ordens nesse período. Questões relacionadas ao financeiro, à falta de experiência com filhos, e, também, preocupações acerca da saúde da esposa e

do bebê. Embora os autores mencionem que são poucos os pais que fazem questão de presenciar o momento do parto e participar de cursos de gestantes, bem como alguns que apresentam dificuldades em se manter próximos à gestante, há aqueles que não apresentaram preocupações nesse período.

2 Método

2.1 Delineamento

Esta é uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo-exploratório. É uma investigação na qual o entrevistador é visto como uma ferramenta essencial nesse processo, vivenciando de maneira intensa a experiência com os participantes (CRESWELL, 2010).

2.2 Participantes

Os participantes deste estudo foram quatro homens com idade entre 21 a 40 anos, residentes no Vale do Paranhana (RS) e que estavam à espera do seu primeiro filho. Foram incluídos nesta pesquisa homens que residiam na mesma casa que a esposa/companheira, no terceiro trimestre da gestação (6 a 9 meses). Pais cuja gestante tenha enfrentado problemas graves de saúde no período foram excluídos. Os demais dados sociodemográficos estão apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Dados sociodemográficos dos participantes

Participante	P1	P2	P3	P4
Idade	28	31	37	31
Estado civil	União estável	Casado	União estável	Casado
Escolaridade	Superior completo	Médio completo	Fundamental incompleto	Superior completo
Profissão	Empresário	Policia Militar	Torneiro Mecânico	Policia Militar
Ordem de nascimento do pai na família	Filho mais novo	Filho único	Filho mais novo	Filho mais velho
Idade da mãe do bebê	22	30	27	32
Semanas de gestação	27	33	39	37

Fonte: Elaborado pela autora.

2.3 Instrumentos

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados os seguintes instrumentos:

1) ficha sociodemográfica e 2) entrevista semiestruturada. Os dois instrumentos foram elaborados exclusivamente para esta investigação. Optou-se pela entrevista semiestruturada por caracterizar-se por perguntas abertas, previamente estabelecidas, mas que apresenta flexibilidade quanto ao roteiro (LAVILLE; DIONNE, 1999). A entrevista foi elaborada tendo como base a entrevista concebida por Piccinini *et al.* (2004) para uma investigação que também tratou do envolvimento paterno na gestação (GIDEP, 1998).

2.4 Procedimentos de coleta de dados

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FACCAT, foi realizado contato com os participantes, indicados por conhecidos da pesquisadora e por profissionais da área médica. Com o aceite para participar da investigação, foram marcadas as entrevistas, as quais foram gravadas em áudio e transcritas de forma literal. Essa pesquisa seguiu as orientações da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (2016), e todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

2.5 Procedimentos de análise de dados

Os dados obtidos nesta pesquisa foram analisados por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), desenvolvida em três etapas: 1) pré-análise, fase de organização dos materiais, em que foi realizada a leitura flutuante dos dados obtidos; 2) exploração do material, fase em que os dados foram codificados e categorizados a posteriori; 3) tratamento dos resultados, fase na qual os dados levantados foram avaliados e interpretados.

3 Apresentação e discussão dos resultados

Os dados obtidos com as entrevistas geraram sete categorias e 22 subcategorias, que estão apresentadas no Quadro 2 e discutidas a seguir.

Quadro 2 – Categorias e subcategorias

Categorias	Subcategorias
Categoria A Confirmação da gestação	A.1 Planejamento A.2 Sentimentos
Categoria B Sentimentos na gestação	B.1 Sensibilidade B.2 Foco e Objetivo B.3 Ecografia
Categoria C Ser pai	C.1 Desejo C.2 Expectativas de desempenho C.3 Sentir-se pai

(*Continua*)

Categorias	Subcategorias
Categoria D Preocupações	D.1 Formação do bebê D.2 Saúde da esposa D.3 Hora do parto
Categoria E Reponsabilidades	E.1 Financeiras E.2 Educação e presença paterna E.3 Apoio e cuidado com a esposa
Categoria F Participação/Interação pai bebê	F.1 Consultas médicas e exames F.2 Parto F.3 Preparativos F.4 Na barriga da mãe F.5 Bebê imaginário
Categoria G Avô paterno	G.1 Relacionamento G.2 Gestação do filho G.3 Gestação do neto

Fonte: Elaborado pela autora.

Categoria A – Confirmação da gestação. Na categoria A, foram agrupadas falas sobre o momento da confirmação da gravidez. A subcategoria A.1 trata de questões relacionadas ao planejamento da gestação. Dos quatro participantes, apenas um não planejou a gravidez, P1: *“Na verdade, até foi uma surpresa pra nós, porque, tipo, a gente não tinha programado a gestação”*. No comentário de P4, observa-se o planejamento quanto à gestação. *“Ã... Na verdade, a gente já tava se preparando pra engravidar, a gente já tava fazendo acompanhamento e tudo [...]”*. O planejamento da gestação poderá influenciar a interação pai-filho (KROD; PICINICI; SILVA, 2009). Entretanto, assim como a gravidez não desejada inicialmente pode vir a transformar-se em uma relação de proximidade e interação entre o bebê e seu pai, o planejamento da gestação, por sua vez, não é garantia de vínculo afetivo.

Na subcategoria A.2, foram abordados os sentimentos vivenciados pelos pais no momento da confirmação da gestação. P1, que não havia planejado a gestação mencionou: *“... Meu Deus, o que a gente vai fazer agora, sabe? A gente não tinha programado nada”*; *“Foi um susto, sabe? [...] e depois a gente... começou a curtir bastante”*. Para Nogueira et al. (2011), o não planejamento da gestação pode resultar em uma série de reações, sendo comum o aparecimento de sintomas de ansiedade e sentimentos de medo. Reações de insegurança quanto ao que fazer são comuns nesses casos (GONÇALVES; PARADA; BERTONCELLO, 2001). Entretanto, como aconteceu com P1, reações de surpresa e impacto podem ser seguidas de sentimentos de relaxamento, mesmo entre aqueles que não planejaram a gestação. Sabe-se que a notícia de uma gravidez pode gerar também muita felicidade (SANTOS; KREUTZ, 2014), como a que é verbalizada por P4: *“Ah... eu fiquei feliz [...] um sonho nosso, que a gente tinha, que tivéssemos filho e tudo mais...”*

Categoria B - Sentimentos na gestação. Nessa categoria, foram elencadas as referências dos participantes quanto aos sentimentos vivenciados no período da gestação. A subcategoria B.1, sensibilidade, foi mencionada por P2: *“Ah, fiquei um pouco mais emotivo em questão da criança... da nenê e... mais atento um pouco em relação à movimentação dela... de ficar bajulando mais... brincando mais [...] me sinto de certa forma mais bobo”*. De acordo com Sutter e Maluschke (2008), os sentimentos que o homem experimenta frente à paternidade são semelhantes aos da mãe. Contudo, o pai poderá vivenciar a paternidade de forma prazerosa, com intensidade e sensibilidade. Desse modo, homens também choram, emocionam-se, são acolhedores e podem estabelecer vínculos sólidos com os filhos, sendo que essas características também fazem parte da masculinidade

A transição para a paternidade provoca amadurecimento psicológico natural, pela chegada de um terceiro que irá depender dos responsáveis para ter suas necessidades supridas (SANTOS; KREUTZ, 2014). Em relação a este aspecto, os pais da subcategoria B.2 afirmaram ter mais foco e objetivos com a vinda do bebê. P1: *“Mais concentração..., mais foco em algumas coisas... Tipo objetivos assim, mudou um pouco do que eu tinha antes, sabe? Agora a gente tem uma pessoa que depende de nós... Então a gente amadureceu muito nessa parte”*.

Sentimentos intensos foram despertados pela participação dos pais em ecografias, o que contempla a subcategoria B.3. Todos os participantes foram unânimes em dizer que esse foi um momento único, que deixou grandes marcas. Destaca-se a fala de P4: *“[...] na primeira vez que eu vi o nenê. E o coraçãozinho bater, fiquei feliz, bastante feliz... foi uma sensação, que, na verdade, não tem como explicar, é um misto de felicidade, não sei, alegria e felicidade assim, multiplicado por muitas vezes”*. E a de P3: *“Até hoje ainda não sai da minha memória... a primeira vez que eu escutei o coraçãozinho batendo, dava pra ver só uma bolotinha, do tamanho de um grão de feijão... aquele... tuc, tuc... Aquele momento marcou, sabe? De todas as vezes, aquela marcou [...] sei lá, alguma coisa assim... não sei te explicar ...”*. A ecografia possibilita aos pais a sensação de contato real com o filho, além de que é nesse momento que o pai pode sentir-se mais próximo do bebê, o que explica em parte a intensidade dos sentimentos vivenciados pelos participantes nesse momento (CASTOLDI, 2002), quando o pai pode ser tomado pela emoção, a ponto de não conseguir descrever em palavras o que está sentindo, como aconteceu com P3. Felicidade e tranquilidade, entre outros, são sentimentos expressos pelos pais que acompanham a ecografia do filho e marcam uma das formas mais diretas do envolvimento paterno na gestação (PICCININI *et al.*, 2004).

Categoria C - Ser pai. Essa categoria tem como finalidade abordar os comentários dos participantes sobre as nuances de ser pai. É composta por três subcategorias, iniciada em C.1, que aborda o desejo pela paternidade. Caso esse desejo esteja presente, o homem poderá desempenhar suas funções paternas com mais facilidade, proporcionando, assim, um desenvolvimento mais saudável para seu filho (MACIEL, 2010). Todos os participantes evidenciaram o desejo de ser pai, como, por exemplo, P1: *“Eu, na verdade, queria muito ser pai [...] Sempre foi meu sonho*

ser pai”. Para Zornig (2010), no desejo de ser pai, o homem revive suas fantasias de infância e, ainda, remete-se aos cuidados que recebeu de seus pais. O desejo de tornar-se pai proporciona ao homem os sentimentos de completude e onipotência, já que é por meio dessa experiência que ele poderá dar seguimento a mais gerações de sua família (BRAZELTON; CRAMER, 1992).

A subcategoria C.2 explora as expectativas de desempenho frente à paternidade, como exposto por P3: *“Fico pensando se eu vou... ãh... como vai ser eu como pai, se eu vou saber, tipo, administrar uma criança [...]”*. A chegada de um filho traz expectativas quanto ao desempenho do homem como pai. Dessa forma, sentimentos de preocupação e ansiedade são comuns, pois eles se sentem inseguros quanto à maneira adequada de agir como pai (BRAZELTON, 1988).

Para cada homem há um momento em que, pela primeira vez, tem a sensação de sentir-se como pai. A subcategoria C.3 remete aos sentimentos deste momento. P4 confessa que, desde a notícia da gestação, sentiu-se pai: *“Eu pude sentir desde o começo, ali tu já, opa! Vamos... ãh... pensar que não somos só nós, tem uma outra pessoa, e, a partir daquele momento, ah, tô grávida, eu já me sinto pai [...]”*. P2 revela o momento da ecografia como um marco na paternidade: *“Acho que foi um momento diferenciado em relação aos demais que eu já tive, [...] porque é uma mudança total na vida da gente, é ali que, praticamente, a vida vai começar a tomar sentido, mais do que o normal”*. P3, apesar de se referir à ecografia como um momento de evidência de que será pai, faz o seguinte comentário: *“Ah... eu não sei te dizer... acho que ainda não... Ah, sei lá, parece que fica passando muita coisa na cabeça, parece que tem que ver, sentir assim pra [...]”*. Essas vivências dos participantes são corroboradas por Santos e Krutz (2010), ao mencionarem que alguns homens já se sentem pais desde o momento da confirmação da gestação, mas outros apenas apresentam esse sentimento após o nascimento. Outros, ainda, como o participante P2, sentir-se-ão pais com a visualização do filho na ecografia.

Assim, como referem Szejer e Stewart (1997), é na ecografia que se constrói a primeira imagem do filho e se tem a oportunidade de fantasiar como será. É importante considerar que, por ser exclusivo da mãe gestar o bebê, dar à luz e amamentar, torna-se mais fácil para a mulher o sentimento de maternidade, porém, para o homem, essas diferenças podem estar atreladas à dificuldade de sentir-se pai logo de início (MALDONADO; DICKSTEIN, 2010). No entanto, entende-se que a paternidade é uma construção, ou seja, um processo que pode ser iniciado durante o período gestacional e ir se estabelecendo e solidificando a partir do nascimento do bebê (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007).

Categoria D – Preocupações. Todos os pais entrevistados manifestaram algum tipo de preocupação no que diz respeito à gestação, o que, de certa forma, mostra-se como uma maneira de envolvimento nesse período. A subcategoria D.1 refere-se a preocupações com a formação do bebê e risco de aborto. P1e P4 afirmaram, respectivamente: *“A minha maior preocupação foi até os exames comprovarem que tava tudo certo com a formação dos órgãos, da estrutura óssea, sabe?”*; *“Preocupação mais no começo, ali [...] são os meses mais críticos[...], que são meses mais... susce-*

tíveis ao aborto". Piccinini *et al.* (2004) legitimam o que foi exposto, afirmando que o receio de ocorrência de malformações com o feto, o desenvolvimento de alguma síndrome, a prematuridade e até mesmo aborto são referidos pelos pais como grandes preocupações nesse período.

A subcategoria D.3 discorre sobre as preocupações relativas à saúde da gestante. P2 afirmou: *"Agora eu sinto um pouco de preocupação, mas daí qualquer coisa a gente tem o médico, e ele nos dá uma liberdade grande de falar com ele, aí a gente vai, pede uma assistência pra ele, se pode fazer alguma coisa"*. Esse tipo de preocupação pode ocorrer, levando-se em consideração que o desenvolvimento do bebê não é responsabilidade biológica do homem, e sim da mãe (SANTOS; KREUTZ, 2014).

Preocupações com a hora do parto também fazem parte do pensamento dos pais e podem estar associadas ao medo da morte, pois nascimento e morte são situações irreversíveis (MATOS *et al.*, 2017). A categoria D.4 aponta essas preocupações. P2: *"Eu só espero que ocorra tudo tranquilo na questão do nascimento dela... Fico apreensivo, porque é uma cirurgia, e a gente sabe que toda cirurgia tem um pouco de risco [...]"*.

Categoria E – Responsabilidades. As responsabilidades decorrentes da chegada de um novo membro na família estiveram presentes nos relatos dos pais. A subcategoria E.1 aborda responsabilidades financeiras, ilustrado por P2: *"Dali em diante, a gente começou a planejar o decorrer de como ia acontecer... porque, queira ou não queria, tem gastos, a gente tem que preparar o orçamento do dia a dia, né? Então tu vai adequando o teu orçamento pra poder comprar as coisas necessárias pro nascimento da nenê"*. Questões financeiras suscitam nos pais receio se terão condições de sustentar outra pessoa, de proporcionar-lhe bens materiais, e ainda há aqueles que aumentam seu foco no trabalho, pois sabem que ali está sua fonte de renda (PICCININI *et al.*, 2004). Entretanto, pode-se conjecturar que o manifesto receio de não conseguir prover financeiramente a família signifique o receio latente de não desempenhar adequadamente a função paterna com tudo que implica em termos de processo psíquico.

A subcategoria E.2 trata de responsabilidades como a educação, mencionada por P2: *"Com relação à educação, com relação ao bem-estar, que siga um caminho pra ir pros estudos e ter uma vida melhor, né?"* De acordo com Santos e Kreutz (2014), educação, imposição de limites e valores, responsabilidades podem ser fatores presentes na vivência paterna durante a gestação, como P4 comenta: *"Responsabilidade de cuidados, é uma pessoa que depende única e exclusivamente dos pais. Então responsabilidade no sentido de ser pai, de não trazer para o mundo uma pessoa que não vai ter essa figura de pai"*. O pai exerce uma função específica no desenvolvimento de uma criança, sendo, por isso, tão importante a sua presença (GUERRA, 2003). A relação estabelecida entre o pai e o bebê serve para a criança como organização psíquica, na qual o pai desempenha uma função de estruturação do ego (ABERASTURY; SALAS, 1984).

O apoio material e emocional à gestante caracteriza-se como função paterna na gestação (KLAUS; KENNEL, 1992). O apoio material engloba questões físicas, como auxílio em tarefas domésticas e transporte (PICCININI *et al.*, 2004). A subcate-

goria E.3 discute sobre esse assunto, como verbaliza P1: *“Todo tipo que precisa em questão de transporte, esses tipos de coisa, eu tô sempre em disposição pra levar ela onde for, sabe”*. Por outro lado, o apoio emocional está associado a atitudes que proporcionam um ambiente tranquilo e calmo para a gestante, e ainda lhe proporcionam mais acessibilidade para conversas, conforme P3: *“Tipo de apoio... ah, às vezes, ela tá meio triste, aí a gente dá mais carinho, mais atenção, ela reclama que não pode fazer certas coisas, aí eu ajudo. Parece que tem que tá mais presente”*.

Categoria F - Participação/Interação pai/bebê. Essa categoria engloba as diversas formas de participação paterna na gestação e a interação com o bebê. Inicia-se na subcategoria F.1, na qual todos os pais mencionaram o interesse em participar das consultas com a gestante. P2: *“Daí eu consigo acompanhar e, se tem que puxar alguma coisa que tem que corrigir, a gente procura corrigir juntos, sabe?”* Esse meio de participação proporciona aos pais mais espaço para se inserirem na gestação, bem como mais clareza sobre o desenvolvimento da gestação, auxiliando em possíveis medidas de prevenção (CAVALCANTE, 2007).

O nascimento do filho alude ao auge de um processo, o qual se inicia na gestação, momento em que o bebê sai do imaginário paterno e tem suas representações concretas (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007). A subcategoria F.2, hora do parto, aponta o interesse dos pais em participar desse momento, referindo-se a ele como uma ocasião muito importante. P4: *“Eu quero tá no momento junto ali, deixar registros depois, pra quando ela ficar maiorzinha, mostrar pra ela”*. Na hora do parto, poderá ocorrer a primeira oportunidade de contato direto pai-bebê, sem a mãe, proporcionando possibilidades de um vínculo mais seguro entre eles. Este acompanhamento pode ser especialmente importante também como apoio aos esforços da companheira em dar à luz (MATOS *et al.*, 2017). Alguns homens, porém, podem manifestar receio em participar do parto, evitando presenciar o sofrimento da esposa (SANTOS; KREUTZ, 2014). Nesta pesquisa, entretanto, todos os participantes manifestaram desejo de participar do parto.

A subcategoria F.3 explora o envolvimento dos pais nos preparativos da chegada do novo membro. Todos os pais mencionaram participar com a esposa na escolha do nome do filho. Segundo P1: *“Nós dois escolhemos, a gente fez antes mesmo de se tornar pai assim, e sem saber da gestação, a gente vinha brincando, sabe [...]”*. Observam-se também os preparativos na organização da casa e na escolha de roupas para o bebê. P2 declara: *“Aí a gente foi comprando junto os vestidinhos, comprando roupinha, toquinha”*. Santos e Kreutz (2014) apontam que a escolha do nome do filho, das roupas e o preparo do quarto são vivências relevantes da preparação à chegada do bebê. Os preparativos, neste estudo, envolveram ainda a busca de informações. P2: *“Até baixei um aplicativo no meu celular, aí a gente vai acompanhando cada etapa da gestação”*. P4: *“A gente fez um acompanhamento com uma profissional a respeito de banhos, cuidados com a criança”*. Apesar da literatura apontar que não é comum o interesse dos pais em participar de cursos de gestantes (PICCININI *et al.*, 2004), os entrevistados buscaram informações sobre a etapa gestacional e os cuidados com o recém-nascido, o que é mais um indício de que a paternidade atual

se mostra mais presente.

Outra preparação apontada foi a da licença paternidade. Dois pais referiram ter direito à licença. Os outros dois, que não possuem esse direito, organizaram-se para estar em casa nos primeiros dias de vida do bebê. P3: *“Eu vou pegar licença paternidade, né? Lá nós temos direito ... e daí são 15 dias”*.

Rosa (2014) afirma que, para Winnicott, durante o período de dependência absoluta, a mãe e o bebê estabelecem uma só unidade, e o pai participa indiretamente, porém sua presença no ambiente tem grande relevância, podendo influenciar os sentimentos da mãe, dando-lhe condições para sentir-se mais segura e amparada. Nesse período, o pai tem a função de ajudar a mãe a desenvolver sua função materna, e, juntos, constituem o ambiente total que o bebê necessita para amadurecer. A busca por interagir, aproximar-se e querer sentir o bebê constitui-se em uma forma de relação pai-bebê (PICCININI *et al.*, 2009). Na subcategoria F.4, com o bebê ainda na barriga da mãe, todos os pais demonstraram sentimentos intensos ao se reportar ao contato com o filho via mãe. Referiram sentir os movimentos fetais, reconhecer algumas partes do corpo e serem reconhecidos como pai pelo bebê. P1: *“Até quando a gente deita de noite na cama, eu começo a conversar com ele, e aí ele já começa a mexer na barriga, sabe? [...] Tipo: ele já conhece a minha voz, sabe? Ele sabe quem é... é eu falar, ele começa a mexer [...] É uma emoção muito grande.... Tu sabes que ele tá te reconhecendo como pai. Então... na hora até chorei... foi bem bacana”*. Matos *et al.* (2017) postulam que os movimentos fetais podem aludir a uma presença real do bebê, por meio dos quais o pai poderá interagir com ele, sentir que está vivo, sendo essencial para a criação do vínculo entre pai e filho. Assim, os pais se sentem mais próximos do bebê, utilizando recursos como conversar, cantar, fazer carinhos na barriga da mãe (PICCININI, *et al.*, 2004).

A descrição de uma imagem mental do bebê, as expectativas quanto às suas características físicas e psicológicas, é tratada na subcategoria F.6, bebê imaginário, ilustrada por P3: *“De certo vai ser bem grande porque a minha mulher é da minha altura também, a gente é bem alto”*. A imagem mental que o pai pode desenvolver é alicerçada em representações inconscientes, desejos e fantasias. Ainda que utilize esses recursos, essa imagem, cuja criação tem o intuito de aproximar mais o pai do bebê, pode ser baseada em informações concretas, de movimentos fetais (RAPHAEL-LEFF, 1997; SZEJER; STEWART, 1997).

Categoria G – Avô paterno. A paternidade pode ser influenciada por modelos de paternidade já vivenciados na história pessoal do homem (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007). Nesta última categoria, foram analisadas falas sobre o próprio pai, ou seja, o avô paterno do bebê em gestação. Na subcategoria G.1 - relacionamentos - dos quatro participantes, apenas um descreveu não ter uma boa relação com o próprio pai. P4: *“Meu pai, assim, ele foi um pai ausente, eu não tive, assim, a figura paterna sempre comigo, então...”*. Contudo, há pais que buscam exercer com seus próprios filhos relacionamentos diferentes do que vivenciaram com seus pais, em situações nas quais o pai era distante e demonstrava pouco afeto. Percebem que podem fazer o oposto disso (GABRIEL; DIAS, 2011), o que parece ser o caso de P4, único participante

que também foi filho primogênito. Entretanto, participar de uma relação saudável com o próprio pai pode ser um fator para desenvolver uma boa relação com o filho em gestação. P2: *“Meu pai é meu amigo, nós sempre nos demos bem...”*.

Na subcategoria G.2, gestação do filho, é tratada a gestação dos próprios participantes. Todos foram unânimes em dizer que não sabem como foi o envolvimento dos próprios pais na sua gestação, mas P2 fez alusão ao que imagina ter sido: *“Não, eu não sei disso... imagino eu que ele tenha sido da mesma forma que eu tô sendo pra minha filha, né? Participativo, procurando dar o melhor possível pra família”*. O ofício exercido pelo próprio pai tem grande influência na forma como os participantes percebem a paternidade, assim como no modo que desejam ser pais e desempenhar essa função (GABRIEL; DIAS, 2011).

Por fim, o envolvimento do avô na gestação do neto está exposto na subcategoria G.3. Os participantes que se referiram a um bom relacionamento com o pai, comentaram que podem contar com ele nesse momento, como diz P1: *“Conto com ele, sim, ele curte o momento, diz que é o presente dele que vem em novembro, então, sabe”*? O nascimento de um neto apresenta uma transição no ciclo vital, o estabelecimento de um novo papel dentro da família, podendo resultar modificações psíquicas desse novo fazer (KIPPER; LOPES, 2006).

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo compreender as formas de envolvimento paterno na gestação, além de identificar os sentimentos despertados pela paternidade nesse período, as funções paternas gestacionais e as expectativas dos pais em relação à paternidade e ao bebê. Os principais dados obtidos na investigação apontam para uma paternidade mais participativa, vivenciada com mais intensidade pelo pai. Todos os participantes mostraram-se envolvidos de diversas maneiras na gestação do filho.

Dessa forma, os resultados encontrados levam a um entendimento de que a paternidade na gestação tem suas funções expandidas, e o período gestacional não se apresenta apenas restrito à maternidade. O envolvimento paterno, nesse momento, foi considerado pelos participantes como relevante para si próprios na construção da paternidade, como forma de cuidado da esposa e, também, para um desenvolvimento saudável do bebê em gestação. No entanto, o sentir-se pai apresenta-se como algo singular, próprio de cada homem. Há aqueles que vivenciam esse sentimento já a partir da notícia da gestação, os que têm a experiência em acompanhar a ecografia como um marco, e há aqueles que encontram dificuldades de se sentirem pais mesmo no terceiro trimestre gestacional. É importante considerar que os pais participantes enfrentam, com a chegada do primeiro filho, uma mudança no ciclo vital familiar, pois deixam de ser unicamente filhos para se tornarem pais, ou seja, vivenciam dois processos simultaneamente, sofrendo modificações em sua identidade e no papel exercido.

Os achados deste estudo reforçam a importância de uma figura paterna na gestação como promotora de vínculo com o filho. A partir dessa análise, o envolvimento paterno na gestação apresentou-se de diversas formas, tanto no que diz respeito às questões emocionais como comportamentais. Esse envolvimento mani-

festou-se nas participações dos pais em consultas médicas, em busca de informações sobre o período gestacional, na participação da escolha do nome e em preparativos para a chegada do bebê, como a compra de roupinhas e a escolha do quarto. Ressalta-se que participar da ecografia foi um dos momentos mais marcantes descritos pelos pais, no qual vivenciaram sentimentos nunca experimentados anteriormente, sentimentos que não puderam ser expressos em palavras, mas vivenciados através de sensações.

Diversos foram os sentimentos e as preocupações experimentados pelos pais desde o anúncio da gravidez. Relatos de inseguranças quanto à paternidade, se exercerão suas funções de forma adequada, receios quanto a questões financeiras, preocupações acerca da saúde da esposa e do bebê estiveram presentes nos comentários dos participantes. Apesar de manifestarem preocupações com a hora do parto, os entrevistados foram unânimes em expressar o desejo em participar desse momento. A gestação também foi descrita pelos participantes como um momento prazeroso, de muita alegria e satisfação pela chegada do primeiro filho. Acredita-se que os investimentos em relações precoces podem ser preventivos e provedores de relações saudáveis após o nascimento. Por isso, a importância em abordar este tema e realizar estudos como a presente investigação, tendo como finalidade saber como os pais estão enfrentando a etapa gestacional do primeiro filho.

Por outro lado, referente às limitações do estudo, pode-se apontar o fator relacionamento conjugal, que não foi investigado. É sabido que a forma como a gestante insere o homem na gestação do filho tem influência na sua participação como pai. E essa inserção está diretamente ligada à qualidade da relação do casal. Portanto, sugerem-se mais estudos nessa temática, os quais incluam a relação conjugal.

Percebeu-se ainda que o espaço de escuta e acolhimento dos pais nesse período ainda é restrito, se comparado ao da mãe, pois, em comentários sobre a participação na pesquisa, os pais entrevistados mencionaram interesse em contribuir, alegando que poucos são os profissionais que buscam saber de suas vivências gestacionais. Portanto, ainda se faz necessário uma maior conscientização dos profissionais de saúde sobre a importância da figura paterna desde muito cedo, auxiliando os pais no envolvimento com todas as questões referentes à chegada do filho. Assim, entende-se que este estudo pode auxiliar para uma melhor compreensão do envolvimento paterno no período da gestação, além de demonstrar a sua relevância na participação desta etapa do ciclo vital.

Referências

ABERASTURY, A.; SALAS, E. J. *A paternidade um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

ANDRADE, M. A. G. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de parentificação. *In: CORREIA FILHO, L.; CORRÊA, M. E. G.; FRANÇA, P. S. (Orgs.). Novos Olhares sobre a Gestação e a criança até 3 anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê*. Brasília: L.G.E., 2002.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELTRAME, G. R.; BOTTOLI, C. Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 32, p. 205, jan./jul. 2010. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/1380/1091>>. Acesso em: 8 maio 2017.

BENCZIK, E. B. P. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 28, n. 85, p. 67-75, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0103-84862011000100007>. Acesso em: 27 mar. 2017.

BORNHOLDT, E. A.; WAGNER, A.; STAUDT, A. C. P. A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 75-92, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n1/06>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

BOWLBY, J. *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria de apego*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BRAZ, A. S.; GOETZ, E. R. Síndrome de Couvade: sintomas de gravidez e de envolvimento paterno. In: GOETZ, E. R.; MANFOI, E. C. (Orgs.) *Ele e Ela Grávidos!* Curitiba: Juruá, 2011, p. 41-78.

BRAZELTON, T. B. *O desenvolvimento do apego: uma família em formação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BRAZELTON, T. B.; CRAMER, B. G. *As primeiras relações*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BUSTAMANTE, V. Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: um estudo de caso com homens de camadas populares. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 3, p. 393-402, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a06>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

CARTER, B.; GOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CASTOLDI, L. *A construção da paternidade desde a gestação até o primeiro ano do bebê*. 2002. 285 f. Tese (Doutorado em Psicologia - Instituto de Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1576>>. Acesso em: 10 maio 2017.

CAVALCANTE, M, A, A. *A experiência do homem como acompanhante no cuidado pré-natal*. 2007. 153 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7136/tdc-23012008-135656/en.php>>. Acesso em: 10 out. 2017.

COELHO, E. de A. C. *et al.* Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Revista Saúde Pública*, João Pessoa, v. 43, n. 1, p. 85-90, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v43n1/6868.pdf>>. Acesso em: 8 maio 2017.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. *Resolução nº 510/2016, de 07 de abril de 2016*. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 8 maio 2017.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2010.

FERREIRA, L. S.; LEAL, I.; MAROCO, J. Sintomatologia de Couvade e o envolvimento paterno vivenciado durante a gravidez. *Psicologia, Saúde & Doenças*, Lisboa, v. 11, n. 2, p. 251-269, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v11n2/v11n2a06.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

FREITAS, W. de M. F.; COELHO, E. de A. C.; SILVA, A. T. M. C. da. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 137-145, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/3426/1/Sentir-se%20pai>>. Acesso em: 11 out. 2017.

GABRIEL, M. R.; DIAS, A. C. D. Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 16, n. 3, p. 253-261, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v16n3/07.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2017.

GALASTRO, E. P.; FONSECA, R. M. G. S. A participação do homem na saúde reprodutiva: o que pensam os profissionais de saúde. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 454-459, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342007000300016>. Acesso em: 1 maio 2017.

GIDEP - GRUPO DE PESQUISA EM INFÂNCIA, DESENVOLVIMENTO E PSICOPATOLOGIA. Entrevista sobre a gestação e as expectativas do futuro pai. Porto Alegre: UFRGS, 1998. (Instrumento não publicado).

GOMES, A. J. da S.; RESENDE, V. da R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 20, n. 2, p. 119-125, maio/ago. 2004. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/8640/S0102-37722004000200004.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

GONÇALVES, S. D.; PARADA, C. M. G. L.; BERTONCELLO, N. M. F. Percepção de mães adolescentes acerca da participação paterna na gravidez, nascimento e criação do filho. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, v. 35, n. 4, p. 406-13, 2001. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?url=https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/le/41262/44818&rct=j&frm=1&q=&esrc=s&sa=U&ved=0ahUKewjGxlmj37HXAhWEIJAKHVIZCjQQFggUMAA&usg=AOvVaw1vy1kexZYU73VE6N7poPg>>. Acesso em: 9 out. 2017.

GUERRA, V. Sobre el papel del padre en la actualidad: nuevas perspectivas, nuevas problemáticas. In: *Jornadas AUDEPP: "La paternidad hoy"*. Uruguai, 2003.

KIPPER, C. D.; LOPES, R. de C. S. O tornar-se avó no processo de individuação. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 22, n. 1, p. 29-34 jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v22n1/29841.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2017.

KLAUS, M. H.; KENNEL, J. H. *Pais/bebê: A formação do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

KROD, D. A.; PICCININI, C. A.; SILVA, M. R. A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 269-291, abr./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3051/305123732008/>>. Acesso em: 22 set. 2017.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MACHADO, V. Lembranças do pai: por uma história da paternidade nas memórias dos que lutaram contra a ditadura civil militar brasileira. In: Encontro Nacional de História Oral: memória, democracia e justiça, XI, Rio de Janeiro. *Anais* 2012. Rio de Janeiro: IFCS-IH 2012. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/8844279-Lembrancas-do-pai-por-uma-historia-da-paternidade-nas-memorias-dos-que-lutaram-contr-a-ditadura-civil-militar-brasileira.html>>. Acesso em: 5 maio 2017.

MACIEL, R. de A. *Experiências psíquicas do homem à espera da paternidade*. 2010. 150 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-03032010-155820/publico/RubensMaciel.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.

MALDONADO, M. T.; DICKSTEIN, J. *Nós estamos grávidos*. São Paulo: Integrare Editora, 2010.

MATOS, M. G. de *et al.* Construindo o Vínculo Pai-Bebê: a experiência dos pais. *Psico USF*, Itaipava, v. 22, n. 2, p. 261-271, 2017. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/4010/401052167007.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2017.

NOGUEIRA, M. J. *et al.* Depois que você vira um pai...: adolescentes diante da paternidade. *Adolescência & Saúde*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 28-34, jan./mar. 2011. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/8994>>. Acesso em: 22 set. 2017.

OLIVEIRA, A. G.; SILVA, R. R. Pai contemporâneo: diálogos entre pesquisadores brasileiros no período de 1998 a 2008. *Psicologia Argumento*, Paraná, v. 29, n. 66, p. 353-360, 2011. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/pa?dd1=5293&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

OLIVEIRA, E. M. G. As subjetividades do ser - pai. *Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, 2006. Disponível em: <<http://seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4771/4262>>. Acesso em: 9 abr. 2017.

PARKE, R. D. *El papel del padre*. Madrid: Ediciones Morata, 1986.

PICCININI, C. A. Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. *Estudos de psicologia*, Campinas, v. 26, n. 3, p. 373-382, jul./set. 2009. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/98782/000725674.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 14 out. 2017.

PICCININI, C. A. *et al.* O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 303-314, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722004000300003&lang=pt>. Acesso em: 22 mar. 2017.

RAPHAEL-LEFF, J. *Gravidez: a história interior*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

ROSA, C. D. E o pai em Winnicott. In: _____. (Org.) *E o pai? Uma abordagem winnicottiana*. São Paulo: DWW Editorial, 2014.

SANTOS, S. C. dos; KREUTZ, C. M. O envolvimento do pai na gestação do primeiro filho. *Pensando famílias*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 62-76, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200006>. Acesso em: 22 mar. 2017.

SILVEIRA, P. *Exercício da Paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SUTTER, C.; MALUSCHKE, J. S. N. F. B. Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa. *Psico*, Porto Alegre, v. 39, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1488/2799>>. Acesso em: 5 maio 2017.

SZEJER, M.; STEWART, R. *Nove meses na vida da mulher: uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

WALDOW, D.; CREPALDI, M. A. O envolvimento do pai na gravidez, parto e puerpério. In: GOETZ, E. R.; MANFOI, E. C. (Orgs.) *Ele e Ela Grávidos!* Curitiba: Juruá, 2011, p. 133-150.

WINNICOTT, D. W. E o pai? In: _____. *A criança e o seu mundo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

ZORNIG, S. M. A. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010>. Acesso em: 7 out. 2017.